

DOI: <http://dx.doi.org/10.18764/2446-6549.v3n8p203-224>

INTERESPAÇO

Revista de Geografia e Interdisciplinaridade

DIÁLOGO DE SABERES:

Uma leitura do lugar geográfico na relação com a arte literária

DIALOGUE OF KNOWLEDGE:

A reading of the geographical space in relation to literary art

DIÁLOGO DE CONOCIMIENTOS:

Una lectura de la ubicación geográfica en relación con el arte literario

Tiago Caminha de Lima

Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Piauí. Professor Substituto do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA/Campus de Bacabal.
tiago_caminha@hotmail.com

Bartira Araújo da Silva Viana

Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Professora do Curso de Geografia e do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Piauí – UFPI.
bartira.araujo@ufpi.edu.br

Recebido para avaliação em 02/02/2017; Aceito para publicação em 24/04/2017.

RESUMO

Para a compreensão das múltiplas dinâmicas que se dão no espaço é necessário um diálogo entre as diversas áreas do conhecimento. Para isso, faz-se necessário compreender a realidade a partir das condições pelas quais se apresentam. Na relação entre a Geografia e Literatura, observa-se a valorização e a inter-relação do espaço geográfico a partir da experiência do homem no mundo por meio da vida diária, situando sua condição no momento em que o mesmo se apropria do mundo, no cotidiano através das experiências e dos sentimentos de pertencimento ao espaço. Assim, destaca-se que a Literatura, por meio de suas obras, possui um olhar particular do mundo, não substituindo outros campos do saber, assim como os conhecimentos da Geografia, devendo haver um complemento e a valorização do diálogo entre as mesmas. Partindo dessa premissa, o presente estudo vislumbra como objetivo analisar o sentido geográfico, expresso por meio da compreensão da articulação entre o narrador, os personagens e o enredo de obras da literatura brasileira. Para tanto, os procedimentos teóricos e metodológicos da pesquisa se assentam no levantamento bibliográfico das obras literárias: O Cortiço (Aluísio de Azevedo) e Sangue (Da Costa Silva), fundamentos importantes para basear o literário no geográfico. Esta pesquisa foi fundamentada ainda no pensamento de Tuan (1983), Holzer (1992), Claval (1999), Monteiro (2002), Brosseau (2007), Correa e Rosendahl (2007), Marandola (2009), Livia de Oliveira (2014), entre outros autores. A presente análise foi realizada por meio do método Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2011) no que se refere a um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, códigos (quantitativos ou não) que permitam a inferência de informações relativas às condições de produção/recepção destas mensagens. Esta sistematização perpassa pelas seguintes etapas: Fase de pré-exploração do material ou de leituras flutuantes no corpo da entrevista; a seleção das unidades de análises ou unidades de significados e o processo de categorização e subcategorização. Nesse sentido, as referidas obras destacam-se pela construção dos valores e identidade dos personagens a partir da experiência adquirida no referido espaço e lugar do enredo.

Palavras-chave: Geografia Humanista; Geografia Cultural; Geografia; Literatura.

ABSTRACT

To understand the multiple dynamics that occur in space is necessary a dialogue between the numerous areas of knowledge. For this reason, it is necessary to understand the reality from the conditions by which they present themselves. In the relation between Geography and Literature one observes the valorization and the inter-relation of the geographic space from the experience of the man in the world through the daily life, situating its condition in the moment in which this one appropriates of the world, in the quotidian through experiences and feelings of belonging to space. Thus, it is emphasized that Literature through its works has a particular view of the world, not replacing other fields of knowledge, as well as the knowledge of Geography, and there must be a complement and appreciation of the dialogue between them. Based on this premise, the present study aims to analyze the geographic sense, expressed through the understanding of the articulation between the narrator, the characters and the plot of the work. For that, the theoretical and methodological procedures of the research are based on the bibliographical survey of the literary works: *O Cortiço* (Aluísio de Azevedo) and *Sangue* (Da Costa Silva), important foundations to base the literary in the geographic. This research was based on Tuan (1983), Holzer (1992), Claval (1999), Monteiro (2002), Brosseau (2007), Correa and Rosendahl (2007), Marandola (2009), Livia de Oliveira (2004), among other authors. The present analysis was performed by means of the proposed content by Bardin (2011) regarding a set of techniques of analysis of the communications that aims to obtain, by systematic procedures and objectives of description of the content of the messages, codes (quantitative or not) that allow the inference of information regarding the conditions of production/reception of these messages. This systematization involves the following steps: Pre-exploration phase of the material or floating readings of the interview body; the selection of units of analysis or units of meanings and the process of categorization and subcategorization. In this sense, the mentioned works stand out for the construction of the values and identity of the characters from the experience acquired at the space and place of the plot.

Keywords: Humanist Geography; Cultural Geography; Geography. Literature.

RESUMEN

Para la comprensión de las múltiples dinámicas que se producen es necesario un diálogo entre las distintas áreas de conocimiento. Para esto, se requiere comprender la realidad de las condiciones en las que se presentan. En la relación entre la geografía y la literatura se observa la apreciación del espacio geográfico y la interrelación de la experiencia humana en el mundo a través de la vida cotidiana, la colocación de su condición en el momento en que se apropia del mundo en el día a día a través de las experiencias y sentimientos de pertenecimiento al espacio. Por lo tanto, se hace hincapié en que la literatura a través de sus obras, tiene un aspecto particular del mundo, no la sustitución de otros campos del conocimiento, así como el conocimiento de la geografía, debe ser un complemento y mejora del diálogo entre ellos. A partir de esta premisa, el presente estudio pretende analizar el sentido geográfico, expresado mediante la comprensión de la relación entre el narrador, los personajes y la trama de la obra. Por ello, los procedimientos teóricos y metodológicos de la investigación se basan en la literatura de las obras literarias: *O Cortiço* (Aluísio de Azevedo) y *Sangue* (Da Costa Silva), una base importante para la literatura geográfica. Esta investigación también se basó en la idea de Tuan (1983), Holzer (1992), Claval (1999), Monteiro (2002), Brosseau (2007), Correa y Rosendahl (2007), Marandola (2009), Livia de Oliveira (2014), entre otros autores. Este análisis se realizó usando el Método de Análisis propuesto por Bardin (2011) con respecto a un conjunto de técnicas de análisis de comunicaciones para obtener, por medio de procedimientos sistemáticos y descripción de los objetivos del contenido de los mensajes, códigos (cuantitativos o no) que permiten la inferencia de la información relativa a las condiciones de producción / recepción de estos mensajes. Esta sistematización pasa por las siguientes etapas: Fase de previa exploración del material o de lecturas flotantes del cuerpo de la entrevista; la selección de las unidades de análisis o unidades de significados y el proceso de categorización y subcategorización. En este sentido, estas obras se caracterizan por los valores y la identidad de los personajes de la experiencia adquirida en ese espacio y el lugar de la trama.

Palabras clave: Geografia Humanista; Geografia Cultural; Geografia; Literatura.

INTRODUÇÃO

São múltiplas as possibilidades de definir o lugar, seja por conceitos objetivos ou subjetivos. Esta expressão é uma das ideias estabelecidas de relevante fundamento para a ciência geográfica, visto que esta estabeleceu significado para esta ciência por meios dos estudos da relação entre o global/local/global. O lugar é constituído a partir das experiências e significados, envolvendo emoções e o entendimento, num processo de relação geográfica do corpo com o meio, relacionando-se com a cultura, a história e as relações sociais dos povos que convivem nesse ambiente. Assim, a geografia surge como forma de ampliar a visão sobre as distintas relações operantes e resultantes da dicotomia homem-mundo. De tal maneira, observa-se o desenvolvimento do termo cultura, sendo este resultante da inter-relação de diferentes grupos em determinados espaços.

Todavia, a geografia no âmbito cultural fornece uma crítica na utilização do meio ambiente pela humanidade que pode iluminar e orientar o desenvolvimento do homem e a experiência do espaço (CORRÊA; ROSENDAHL, 2007). Por meio da Geografia cultural, percebe-se a necessidade de assegurar estudos que visam o entendimento sobre as diferentes esferas sociais, na perspectiva ideológica, econômica, política, religiosa e natural. Logo, em conformidade com a ciência, registra-se a contribuição para o embasamento teórico referente à Geografia Humanista que se destaca ao inserir os sujeitos no centro dos trabalhos de numerosos geógrafos, evocando a fenomenologia. A busca pela compreensão dos sentimentos dos indivíduos em relação ao espaço e ao lugar, onde estes possuem experiência de vivência, são os fundamentais princípios estabelecidos nesta corrente de pensamento.

Sobre esse assunto Tuan (2013) afirma que “a Geografia Humanista procura entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar”. Neste sentido, em meio às diversas áreas do conhecimento que estão atreladas à Geografia, sobressaem os debates que envolvem as produções da Literatura, como subsídio para a ampliação da compreensão das análises ensejadas no âmbito da ciência geográfica. Nessa perspectiva, os estudos envolvendo a Geografia e a Literatura alcançam expressividade pela qual se pode realizar a análise e a compreensão do espaço geográfico e suas categorias (lugar, região, paisagem, território, redes).

Dessa forma, verifica-se que as obras literárias descrevem conjunturas que permitem a identificação das experiências vividas em contextos diversos, mas que perpassa recortes temporais previamente estabelecidos, permitindo a leitura de processos que se efetivam na atualidade, contribuindo, assim, para a promoção de releituras do lugar, a partir de perspectivas com objetivos específicos, mas complementares. As obras literárias, em seus conteúdos, não traz apenas um perfil de subjetividade, mas a realidade que a cerca, no caso, as características peculiares do lugar retratado na ficção.

Assim, a problemática que norteia a referida pesquisa configura-se na análise do sentido do lugar geográfico expresso na obra literárias: *O Cortiço* (Aluísio de Azevedo) e *Sangue* (Da Costa Silva), por meio dos fundamentos da Geografia Cultural e Humanista. Tem-se a preocupação de verificar a apreensão das essências, pela percepção e intuição dos sujeitos no lugar rebatido na vida diária dos personagens das obras literárias investigadas. A partir da compreensão da relação de vivência, cotidiano e identidade a presente pesquisa apresenta como objetivo geral: analisar o sentido geográfico, expresso por meio da compreensão da articulação entre o narrador, os personagens e o enredo de obras da literatura brasileira. Para tanto, os procedimentos teóricos e metodológicos da pesquisa se assentam no levantamento bibliográfico das obras literárias: *O Cortiço* (Aluísio de Azevedo) e *Sangue* (Da Costa Silva), fundamentos importantes para basear o literário no geográfico.

A modalidade da pesquisa a ser utilizada é qualitativa, pois considera o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como principal instrumento e a existência de uma relação dinâmica entre a realidade e o sujeito (GIL, 2009). A pesquisa foi operacionalizada por meio do método “Análise de Conteúdo”, proposto por Bardin (2011). Esta análise é utilizada desde as primeiras tentativas das sociedades de interpretar as escritas, a exemplo dos livros sagrados. Deste modo, observa-se que este método constitui-se, segundo Bardin (2011, p. 47) como:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.

De maneira geral, considera-se que o desenvolvimento de análises que congregam os conhecimentos produzidos em ramos distintos do conhecimento auxilia a ampliação das perspectivas de entendimento das dinâmicas abordadas. Assim, a sequência dos passos previstos no método “Análise de Conteúdo” perpassa pelas seguintes etapas:

1. Fase de pré-exploração do material ou de leituras flutuantes no corpo da entrevista.
2. A seleção das unidades de análises ou unidades de significados.
3. O processo de categorização e subcategorização.

A “Análise de Conteúdo” define-se como um “conjunto de técnicas de análise das comunicações que apostam grandemente no rigor do método como forma de não se perder na heterogeneidade de seu objeto” (BARDIN, 2011, p. 31). Além de propor uma abordagem teórica dos estudos da linguagem, evidenciando como as construções do conteúdo, no caso o conteúdo literário, influenciam na compreensão dos sujeitos sociais, assim como destacam a relevância humana no processo de compreensão do cotidiano, na relação entre homem e sociedade. Acredita-se que a “Análise de Conteúdo” possibilite a percepção de sentidos, conforme a interlocução e as posições sociais as quais estão inseridos os sujeitos. Destaca Chizzotti (2011, p. 114) que:

A “Análise de Conteúdo” é dentre as diferentes formas de interpretações o conteúdo de um texto que se desenvolveu, adotando normas sistemáticas de extrair os significados temáticos ou os significantes lexicais. Consiste em relacionar a frequência da citação de alguns temas, palavras ou ideias em um texto para medir o peso relativo atribuído a um determinado assunto pelo seu autor.

Assim, por meio das ideias o texto expressa sentidos e significados, patentes ou ocultos, que podem ser apreendidos por um leitor que interpreta a mensagem contida nele, por meio de técnicas sistemáticas apropriadas (CHIZZOTTI, 2011). Deste modo é importante destacar que a “Análise de Conteúdo” representa um conjunto de métodos e técnicas de extrair o sentido de um texto por meio das unidades elementares que compõem produtos documentários: palavras-chaves, léxicos, termos específicos, categorias, temas e semantemas, procurando identificar a presença ou constância dessas unidades para fazer inferências e extrair significados inscritos no texto a partir de indicadores objetivos (CHIZZOTTI, 2011).

A “Análise de Conteúdo” parte da ideia de um conjunto de palavras, um vocábulo que é uma unidade discreta do texto, constitui uma síntese condensada da realidade, sendo que a frequência de uso pode revelar a concepção de seu emissor, os seus valores, opções, preferências (CHIZZOTTI, 2011). Este autor explica que:

O critério fundamental na “Análise de Conteúdo” é o fragmento singular do texto: a palavra, termo, considerando-os como a menor unidade textual e, como tal, passível de se analisar a frequência com que aparecem no texto, a fim de se

estabelecer correlações significativas entre as unidades e extrair conteúdo relevante da mensagem (CHIZZOTTI, 2011, p. 117).

Dessa forma, a partir deste método, os termos ou palavras inscritos nos textos são reunidos em categorias, sendo que essas categorias estão relacionadas a um agrupamento de palavras ou a um campo do conhecimento em função da qual o conteúdo é classificado, quantificado, ordenado ou qualificado. Chizzotti (2011) destaca ainda que a formulação das categorias é importante para alcançar os objetivos pretendidos, devendo estar claramente definidos e serem pertinentes aos objetivos da pesquisa, a fim de condensar um significado a partir de unidades vocabulares. Vale ressaltar que a definição das categorias depende da natureza da pesquisa e das particularidades dos dados.

A GEOGRAFIA CULTURAL *VIS-À-VIS* A GEOGRAFIA HUMANISTA

A geografia é uma ciência constituída de práticas e de habilidades a partir de conhecimentos mobilizados na vida diária. A geografia não faz nascer curiosidades, nem ensina atitudes, habilidades ou conhecimentos. Este universo científico é resultante dos conhecimentos renovados e das fórmulas imaginadas há muito tempo pelos homens para responder aos imperativos de sua vida cotidiana, dar um sentido as suas existências e compreender o que acontece para além dos horizontes (CLAVAL, 2010). O processo de sistematização da Geografia no século XIX ocorreu em um período marcado por profundas mudanças sociais, políticas e econômicas, principalmente nos países europeus. Assim, a Geografia foi estruturada como ciência a partir do momento em que seus ideais integram essas transformações. Como afirma Moraes (2005, p. 57), a:

[...] sistematização da geografia, sua colocação como uma ciência autônoma, foi um desdobramento das transformações operadas na vida social, pela emergência do modo de produção capitalista. E mais, a geografia foi, na verdade, um instrumento da etapa final deste processo de consolidação do capitalismo em determinados países da Europa.

A partir dessas modificações identificou-se o papel da Geografia como ciência que contribuiu para a construção de ideais que transformaram o modo de vida do homem. Ciência essa que vai influenciar na estruturação de diversos territórios no continente europeu. Cumpre destacar que a consolidação da Geografia como ciência ocorreu a partir de várias discussões em relação aos diversos objetos e correntes de pensamentos. Uma das correntes da Geografia está associada a Vidal de La Blache, o Possibilismo. Nesta corrente, o homem passa a ser agente passivo do meio condicionando o modo de vida do seu grupo

com a utilização dos recursos regionais naturais. Claval (2003, p. 149) explica o aspecto cultural presente nas obras de La Blache:

As técnicas da produção, de transportes e os hábitos pertencem à esfera da cultura. Vidal de La Blache nunca falou de cultura, mas a ideia de cultura tinha um lugar central na sua concepção da disciplina. Ele sublinhou o papel da “força do hábito” que lhe aparecia como a causa mais importante da rigidez dos gêneros de vida. Os imigrantes transportam com ele os seus gostos e os seus hábitos alimentares.

Este discorre que a cultura está presente em diferentes momentos de um determinado espaço, sendo que em alguns percursos a cultura sofre uma determinada transformação, mas existe a “força do hábito” retratada pelo mesmo como algo que se solidifica em um determinado grupo social. La Blache organiza o conceito de gênero de vida. Santos (2008, p. 36) destaca “que segundo esse enfoque, seria por intermédio de uma série de técnicas confundidas com uma cultura local que o homem entra em relação com a natureza”. Com a construção desse conceito verifica-se uma inter-relação entre o ser humano e o meio ambiente, laços esses fortalecidos pelo aspecto cultural. A disseminação dos estudos geográfico-culturais, articulados por La Blache é estendida a um novo percussor, Carl Sauer, que traz para a América (Estados Unidos) na década de 1920 o estudo da cultura e da ecologia cultural. Explica Corrêa (2003, p. 11), que Sauer concebia a cultura da seguinte maneira:

Como uma entidade supra-orgânica, com suas próprias leis, pairando sobre os indivíduos, considerados como mensageiros da cultura, sem autonomia. A cultura era, assim, concebida como algo exterior aos indivíduos de um dado grupo social; sua internalização se faz por mecanismo de condicionamento, gerador de hábitos, entendidos como cultura.

A cultura de um determinado grupo social está regulamentada na “força do hábito”, como afirma La Blache (1921) e reafirma Sauer (2003). Estes explicam que ao internalizar alguns movimentos, resulta-se no *hábito*, sendo este *hábito* compreendido como cultura. Entre os anos de 1950 a 1970 do século XX, a Geografia Cultural entra em declínio, destaca Claval (1999). Este autor chamou este período de a “informização da geografia”, levando a geografia cultural a uma crise. Neste período a subjetividade e a cultura não estavam na linha de interesse dos acontecimentos do mundo. Além dos fatores políticos, econômicos e sociais que ocorriam no mundo em nível mundial. Após esse período ocorreu a difusão de novos pensamentos, principalmente de origem francesa e

alemã a respeito da ciência geográfica. Justifica Castrogiovanni (2007, p. 39) ao explicar que:

A ciência geográfica adota o paradigma e o método de investigação da geografia crítica, e assume, nos meios acadêmicos, essa denominação. O espaço, (re)nomeado como seu objeto de estudo, passa a ter uma concepção de totalidade, embora inicialmente rejeite a natureza enquanto dimensão do espaço geográfico.

Diferentemente da Geografia Crítica, que surgiu como novo caminho para a ciência geográfica, a Geografia Cultural ressurgiu na década de 1980, com os seus ideais apoiados nos seus antigos percussores, a exemplo de La Blache e Sauer. Nesse renascimento, a Geografia Cultural coloca o ser humano como o centro de todas as análises do meio, contribuindo para a valorização do aspecto cultural.

Corrêa (1999, p. 51) afirma que o “ressurgimento da Geografia Cultural se faz num contexto pós-positivista e por meio da consciência de que a cultura reflete e condiciona a diversidade da organização espacial e sua dinâmica”. A dimensão cultural torna-se necessária para a compreensão do mundo, sendo assim, através desta perspectiva, compreende-se a importante relação do ser humano com a natureza, a busca pela subjetividade. Neste sentido Oliveira (2010, p. 4) discute que:

[...] nesta nova concepção da cultura passa-se a dar lugar à sua dimensão subjetiva, mas não se negligencia seu aspecto material, a diferença é que, agora, os dois aspectos passam a ser analisados em termos de seus significados e como parte integrante da espacialidade humana. Assim, os conceitos básicos da geografia – lugar, território, paisagem, espaço, territorialidade – passam a ser estudados a partir das redes simbólicas que envolvem a sua construção cultural. Neste contexto, surgem novas temáticas tais como: manifestações culturais, identidade espacial, percepção ambiental, representações sociais, estudo das religiões, entre outras.

Assim sendo, compreende-se que o estudo da Geografia estaria voltado na perspectiva das vivências, sendo que esta é visível no lar até os lugares mais selvagens. Nesse sentido, é importante destacar a contribuição da Geografia Cultural para a Geografia Humanista. Holzer (1992, p. 84) enfatiza que:

As principais contribuições da geografia cultural para o humanismo na geografia foram: manter vivo o culturalismo e o antropocentrismo em meio a um cenário fortemente quantitativo; respeitar a diversidade de temas e interesses como “modus vivendi”; ênfase na interdisciplinaridade; valorização do trabalho de campo e a recusa dos “a priori”; a crença em que a geografia estava além da ciência e de que os males atuais seriam sanados pelas próximas gerações com a liberdade acadêmica.

Na década de 1960, David Lowenthal publicou o artigo intitulado “*Geography, Experience and Imagination: Towards a Geographical Epistemology*”. Neste trabalho, Holzer (1992,

p. 103) discute que “a pessoa estrutura o mundo a partir de sua vivencia pessoal, e sua linguagem se ajusta às visões pessoais que tem do mundo”. Tuan (1961 apud HOLZER, 2008), fundamentado na obra literária *“La Terra et les Revêries de La Volanté”*, sugere uma geografia dedicada ao estudo do amor do homem pela natureza. Assim, propõe que o “Humanismo” refere-se a uma experiência de análise das ações e produtos da espécie humana a partir de uma visão que amplia a perspectiva científica, incorporando os estudos da sociedade humana na leitura de temáticas geográfica.

Deste modo, o que aproxima a geografia cultural da geografia humanista é a insistência em mencionar que a geografia está “além da ciência”. Mas a Geografia Humanista nasceu com características particulares em relação às demais correntes, a exemplo da valoração do mundo vivido. Esta privilegia a ação do vivido, entrando em oposição ao pensamento de Sauer (HOLZER, 1992). A partir dessa valoração do mundo vivido, destaca-se a ideia de Moreira (2004), ao compreender que a geografia pode ser definida como a atitude de representação e reflexão analíticas do homem no mundo, a partir do modo como este organiza sua relação com a sociedade e a natureza, portanto consigo mesmo, no vir a ser do processo Marxista e da Geografia evolutiva da história. Refere-se, pois, à contextualidade e existencialidade, a geograficidade espacial do homem no mundo, condição que difere de acordo com as estruturas da história.

A partir do exposto, observa-se a construção do conceito de Geograficidade, sendo que este é proposto a partir da ideia da ligação do homem com o meio. Nessa perspectiva enfatiza-se o conceito explicitado por Dardel (2011), ao mostrar que existe uma relação concreta que liga o homem a Terra, representada pelo amor ao solo natal ou pela vontade intrépida de correr o mundo. Nesse sentido, exaltam-se os fundamentos teóricos relacionados à geografia humanista, vista que a mesma é compreendida a partir da experiência geográfica do homem. Ela possui como objetivo entender as múltiplas relações que o sujeito estabelece de modo particular com o meio vivido.

A compreensão do sentido do lugar no ponto de vista de Tuan (2013) ocorre por meio de estudos a partir da etnografia, históricos literários e psicológicos. Assim, estabeleceu-se na pesquisa uma base de dados interdisciplinar na busca de compreender os sentidos e significados de espaço e lugar. Assim, o referido autor desvendou que a principal palavra chave nessa relação é a pausa, pois é na interseção dela que se torna viável marcar este espaço na experiência, deformá-lo, senti-lo de forma específica e significá-lo.

A partir do exposto, observa-se a valorização do conceito de cultura numa perspectiva mais subjetiva. O ser humano passa a ser analisado em conjunto com o meio.

Assim, o conceito de Lugar proposto na corrente Humanista alcança expressivo destaque ao “refletir o papel da cultura e ao afirmar que a mesma é desenvolvida unicamente pelos seres humanos. Ela influencia intensamente o comportamento e os valores humanos. A sensação de espaço e lugar dos esquimós é bem diferente da dos americanos” (TUAN, 2013, p. 13).

Deste modo, o lugar eleva sua expressividade a partir do nascimento de abordagens teóricas relacionadas aos valores humanistas orientados por certa filosofia, além de permitir maior atenção à diversidade, a heterogeneidade e a diferença, além deste, o movimento de mundialização que obrigou uma oposição entre global-local/mundo-lugar (MARANDOLA, 2014). Esta categoria possui forte expressividade, visto por múltiplas definições e de sentido, se adequado à teórica e ao autor. Cada pensador e filosofia vão expressar uma ideia mais objetiva, enquanto outro, algo de relevância mais subjetivo. Oliveira (2014, p. 3) destaca que o “sentido de lugar implica o sentido da vida e, por sua vez, o sentido do tempo”.

Diversos autores abordam o sentido de lugar na perspectiva humanista, a exemplo de Tuan (2013, p. 12) ao descrever que o “lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro”. No mesmo sentido, destaca-se a descrição de Oliveira (2014, p. 11) ao retratar que “a familiaridade com dada porção do espaço, pela experiência, faz torná-la lugar. Pois espaço e lugar são designações do nosso cotidiano, indicando experiências triviais, do dia a dia”.

A ideia de ambos os autores supracitados concretiza o conceito Humanista do Lugar. Neste caso, essa categoria destaca o sentido de um Lugar marcado pela familiaridade, experiência e pelo cotidiano. Nesse sentido, a valorização do lugar é resultante de sua experiência, visto que o mesmo é um objeto no qual se pode habitar e desenvolver emoções e sentimentos. Esse lugar é destacado por Oliveira (2014, p. 12) como:

[...] algo que se faz visível por meio de inúmeros meios: rivalidade ou conflito com os outros lugares e manifestações de arte e de arquitetura. Todo lugar adquire identidade mediante as diversas dimensões espaciais, tais como: localização, direção, orientação, relação, território, espaciosidade e outras.

Relph (2014) explica que o lugar é o fenômeno da experiência, e sua análise seria estabelecida a partir da abordagem fenomenológica, articulada por Husserl e Heidegger. No contexto do conceito de lugar, destacam-se as definições de identidade e cotidiano. Nessa perspectiva, o conceito de cotidiano está intimamente relacionado à vida do ser humano no seu dia a dia e em qualquer relação espaço-temporal. Heller (1992, p. 17) explica que:

A vida cotidiana é a vida do homem inteiro, ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade e de sua personalidade. Na vida cotidiana colocam-se em “funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias.

Assim, percebe-se que a vida do ser humano está interligada a diversas atividades que o mesmo executa, por meio dos seus sentidos e capacidades. A habilidade e os sentimentos estão diretamente relacionados ao sentido de lugar, visto que o cotidiano é expresso por meio de sentimentos. A esse respeito, nos estudos de La Blache (1982), fica claro que para se fazer Geografia, deve-se fazer uso também da História. Nesse sentido, o homem se impõe direta ou indiretamente, por sua presença, nas suas obras ou como consequência destas. Ainda para este autor, a Geografia se interessa pela análise dos lugares e não dos homens. Dessa maneira, ela se dedica também à análise dos homens na História, à medida que eles se produzem e (re) configuram determinadas áreas.

Os pressupostos filosóficos relacionados ao cotidiano e à experiência vivida estão intimamente relacionados. Heller (1992, p. 19) aborda que “para reproduzir a sociedade é necessário que os homens singulares se reproduzam a si mesmos enquanto homens singulares”. A vida cotidiana é o conjunto de atividades, que caracterizam a reprodução dos homens singulares, bem como o exposto por Buttimer (1982, p. 180), ao discorrer que o homem contemporâneo é móvel “e pode experienciar o espaço mais vividamente em redes de interação social e comercial, as quais poderiam estar circunscritas dentro de determinada região ou lugar”.

A partir dos estudos envolvendo a geografia humanista é importante ressaltar as características relacionadas à experiência vivida e ao cotidiano. Santos (1988, p. 34), discorre que “quanto mais os lugares se mundializam, mais se tornam singulares, isto é, únicos”. Na literatura, esses conceitos serão deslumbrados por meio do perfil subjetivo dos escritores e pelo diálogo existente entre os personagens do enredo. A seguir, apresentam-se as inter-relações marcadas pelo diálogo entre a geografia e a literatura.

INTER-RELAÇÕES ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA

Na década de 1980 há um resgate das discussões a respeito da interdisciplinaridade. Santos (2008, p. 135) defende “que a explicação dos fenômenos geográficos exige, mais que em outra qualquer disciplina, a contribuição de um número avultado de ciências”. Assim,

acredita-se que os diálogos que ocorrem no âmbito da ciência, mostram um campo de conhecimento dinâmico.

Fernandes (2012) destaca que a Geografia e Literatura ganharam notoriedade, força e profundidade no mundo acadêmico quando da renovação, repaginação dos fundamentos teórico-metodológicos. As relações entre a Geografia e as demais ciências nos últimos tempos estão alcançando notoriedade, visto que, para a compreensão das múltiplas relações que se dão no espaço, é necessário um diálogo entre as diversas disciplinas. Nessa perspectiva, sobressaem-se os debates que envolvem as produções da Literatura, como subsídio para a ampliação da compreensão das análises ensejadas no âmbito da Geografia.

Deste modo, nessa relação entre Geografia e Literatura observa-se a valorização e a inter-relação do espaço geográfico como experiência do homem no mundo vivido. Além de situarmos sua condição a partir do momento em que o mesmo se apropria do mundo, seja por experiências ou por sentimentos. Esse estudo com a literatura se torna necessário, visto que esse saber possui um ideal subjetivo na caracterização do espaço geográfico, em que o ser humano está presente naquele meio, o mesmo caracterizado nas obras literárias, em que a geografia se conceitua na relação entre o homem e o meio.

A partir das discussões ensejadas, observa-se que o desenvolvimento de análises que congregam os conhecimentos produzidos em ramos distintos do conhecimento, auxilia a ampliação das perspectivas de entendimento das dinâmicas abordadas. Com a Literatura pode-se analisar e compreender o espaço geográfico e suas categorias. O estudo do espaço retratado nos livros literários, em seus conteúdos, não traz apenas um perfil de subjetividade.

Dessa forma, verifica-se que as obras literárias descrevem contextos que permitem a identificação das questões espaciais vivenciadas em um dado período, mas que perpassa recortes temporais previamente estabelecidos, permitindo a leitura de processos que se efetivam na atualidade, contribuindo, assim, para a promoção de releituras do espaço, a partir de perspectivas com objetivos específicos, mas complementares. Com o estudo da Literatura abre-se um leque de abordagens na ciência em questão, seja física ou humana, mostrando que essas duas vertentes geográficas estão interligadas. Almeida e Olanda (2008, p. 9) declaram que:

É possível desvelar a relação do homem com o meio de sua vivência por intermédio da literatura? Aprender eventos pela subjetividade artística materializada na obra literária, possibilita conhecer aspectos socioespaciais de determinada sociedade? As possibilidades de respostas para tais questões se efetivam por meio da abordagem cultural na Geografia que se fundamenta na Geografia Humanística.

Nessa conjuntura Marandola Junior e Oliveira (2009, p. 488) afirmam “que a ciência geográfica centrada no espaço possui conceitos e um método próprio que produz um discurso sobre o espaço que se abre ao diálogo interdisciplinar”. Por esta via, muito tem se discutido a partir das noções de território, lugar, paisagem e região, tanto em sentido conceitual quanto metafórico.

Ao se analisar o espaço é possível perceber a ênfase e a importância que os escritores trazem para os aspectos geográficos levando em consideração o seu espaço de vivência (seja ele urbano e/ou rural) e elemento vinculados à hidrografia, ao relevo, a paisagem, etc. Assim se torna visível a valorização da Geografia e da Literatura. Percebe-se que a importância de estudar o espaço geográfico é importante no contexto cultural, pois segundo Bonnemaion (2002, p. 86):

[...] a aplicação do conceito de cultura às problemáticas geográficas significa examinar e buscar compreender os conceitos geográficos, tais como – lugar, paisagem, território, territorialidade e espaço - sob a influência da dimensão cultural. Sem intencionar elevá-la a um caráter de superestrutura e supraorgânica, apenas entendendo-a como uma forma de compreender e conceber o espaço e agir sobre ele [...].

Monteiro (2002) destaca que a Literatura através de suas obras possui como proposta uma visão particular do mundo. Enfatiza que de nenhum modo a criação literária substitui a Geografia, porém a considera como uma complementação enriquecedora havendo a necessidade de promover a relação Geografia e Literatura como fonte de educação. Como exemplo, verifica-se o estudo do espaço urbano e rural que é de fundamental relevância para a compreensão de diversos fatores políticos, sociais, econômicos e culturais presentes no espaço geográfico. Spósito (2006) afirma que a unidade espacial urbana, como marca das cidades, no decorrer do longo processo de urbanização, renunciou lugar ao binômio urbano/rural resultado, também, da incapacidade, no período atual, de distinguir onde acaba a cidade e começa o campo. As formas confundem-se porque o relacionamento se intensifica e os limites entre esses dois espaços tornam-se duvidosos.

O CORTIÇO: subsídios para compreensão da dinâmica urbana

Compreendendo as referidas possibilidades para ampliação do entendimento das discussões no âmbito da Geografia, sobressaiu-se a análise da Obra “O Cortiço” de Aluísio de Azevedo, que constitui importante exemplar das produções sob os preceitos do

Naturalismo, exigindo assim a efetivação de compreensões associativas com a realidade prática, em uma leitura crítica.

A análise do livro revela que o desenvolvimento das atividades tem como cenário um cortiço que corresponde a uma forma de habitação coletiva, elemento que permite o desenvolvimento de análises que versam sobre a dinâmica do modo de vida existente nesse momento. Nesse contexto, pode-se destacar a ação dos agentes produtores do espaço, com ênfase na dinâmica habitacional, fato associável à assertiva de Santos (1988) para quem o espaço deve ser apreendido como dinâmico, acarretando modificações que obedecem ao conjunto de anseios dos agentes que estão intervindos na situação considerada. Destaca Bernardes (1959, p. 21) que:

Neste sentido, é a partir do século XIX que se darão as maiores transformações no espaço urbano carioca. De cidade com função predominantemente portuária, o Rio mudará. A chegada da Corte e a posterior proclamação da Independência viriam a modificar significativamente a cidade. O acúmulo de novas funções, assim como o aprofundamento das já existentes (notadamente a portuária), transformaram a cidade em centro político-administrativo do país e capital econômica de uma vasta e rica região agrícola.

Assim, observa-se o crescimento populacional da cidade do Rio de Janeiro vinculado às transformações sociais, políticas e econômicas que esta cidade vinha a ofertar. A esse contexto somam-se as observações sobre a dinâmica de organização do espaço urbano e as associações com as realidades encontradas na atualidade, quando pensados os usos diferenciados e, muitas vezes, contraditórios dos espaços. Analisando a produção do espaço, Corrêa (2011, p. 43) salienta que esse processo é “[...] consequência da ação de agentes sociais concretos, históricos, dotados de interesses, estratégias e práticas espaciais próprias portadores de contradições e geradores de conflitos entre eles mesmos e com outros segmentos da sociedade”. Logo, destaca-se que na discussão da (re)produção do espaço, ganham ênfase as contradições no atendimento do papel dos agentes produtores.

A partir desta (re)produção do espaço é importante observar que a cidade do Rio de Janeiro passava por uma crise habitacional. E esta tinha na construção dos cortiços uma solução para este problema. A descrição das práticas cotidianas no cortiço demonstra que as relações estavam concentradas predominantemente na área central (visto que este espaço estava carente de transporte público e que as fontes de trabalho estavam propícias na área central da cidade) característica verificada na disposição das residências de João Romão e Miranda (João Romão, português, dono da pedreira e do cortiço e Miranda, português, comerciante, elevado status social – título de Barão – residia em uma residência de características aristocráticas). Assim destaca o trecho a seguir Azevedo (2009, p. 12-13):

Residência de João Romão: [...] o mesmo levantou uma casinha de duas portas, dividida ao meio paralelamente à rua, sendo a parte da frente destinada à quitanda e a do fundo para um dormitório que se arranjou com Bertoleza. Havia, além da cama, uma cômoda de jacarandá muito velha com maçanetas de metal amarelo já mareadas, um oratório cheio de santos e forrado de papel de cor, um baú grande de couro cru tacheado, dois banquinhos de pau feitos de uma só peça e um formidável cabide de pregar na parede, com a sua competente coberta de retalhos de chita. **Residência de Miranda:** Justamente por essa ocasião vendeu-se também um sobrado que ficava à direita da venda, separado desta apenas por aquelas vinte braças; de sorte que todo o flanco esquerdo do prédio, coisa de uns vinte e tantos metros, despejava para o terreno do vendeiro as suas nove janelas de peitoril. Comprou-o um tal Miranda, negociante português, estabelecido na Rua do Hospício com uma loja de fazendas por atacado.

As observações permitem a construção do entendimento das afirmações de Carlos (2007) ao afirmar que a cidade revela-se como concretude através dos usos que dão sentido à vida, denotando o conteúdo da prática socioespacial.

Morar na área central significava muito mais do que não ter gastos com transporte. Para muitos, trabalhadores livres ou escravos de ganho, o trabalho tinha que ser procurado diariamente, e sob condições cada vez mais adversas, dada a crescente concorrência da força de trabalho imigrante. Estar próximo ao centro significava garantir a sobrevivência, mesmo porque, para grande parte da população ativa, constituída de vendedores ambulantes e de prestadores dos mais variados serviços, o trabalho não existia enquanto local, Área com menor incidência de cortiços mas só aparecia como decorrência das demandas advindas da aglomeração de um grande número de pessoas e de atividades econômicas” (ABREU, 1986, p.51).

Ainda conforme Carlos (2007), a cidade nos enfoques da produção capitalista demonstra a indissociabilidade entre espaço e sociedade, pois as relações sociais se materializam em concretude, uma vez que, ao produzir os elementos que auxiliam a vida, a sociedade atua produzindo/reproduzindo o espaço através da prática socioespacial.

Ademais, considerando a dinâmica que compõem a produção de habitação, com ênfase nos recortes espaciais que integram a cidade e a dinâmica da vida urbana, constata-se a possibilidade de efetivação de descrições e abordagens críticas dos processos que levam à constituição da área central, na medida em que um número considerável de cortiços na atualidade ocupa essa parcela da cidade, mesmo com as buscas constantes de Renovação Urbana.

O entendimento das preocupações de João Romão em torno da possibilidade de expansão do Cortiço revela subsídios que fundamentaram na prática a consecução de intervenções urbanas orientadas para a promoção de Renovação, caracterizadas, conforme Simões Junio. (1994, p. 16) “[...] pela filosofia do arrasa quarteirão, numa tentativa de

“sanear” o espaço coletivo, eliminando áreas encortiçadas e insalubres, criando novos polos comerciais e de serviços [...]”.

Dessa forma, a obra *O Cortiço* descreve contextos que permitem a identificação das questões urbanas vivenciadas em um dado período, mas que perpassa recortes temporais previamente estabelecidos, permitindo a leitura de processos que se efetivam na atualidade, contribuindo assim para a promoção de releituras do urbano, a partir de perspectivas com objetivos específicos, mas complementares.

“SANGUE” – ANTÔNIO FRANCISCO DA COSTA E SILVA (DA COSTA E SILVA)

Para a compreensão da relação geografia e literatura, destaca-se a análise, de alguns poemas, da obra “Sangue” de Da Costa e Silva (1908) que constitui importante exemplar das produções sob os preceitos Simbolistas, exigindo assim a efetivação de compreensões associativas com a realidade prática, em uma leitura crítica. A análise do livro revela, em alguns poemas, a saudade do poeta em relação a sua terra natal, a cidade de Amarante, localizada no estado do Piauí.

Com o estudo de obras literárias visualiza-se um leque de informações a respeito do espaço e do lugar geográfico, como se destaca no poema *Amarante* de Da Costa e Silva (1908, p. 12): “Que encanto natural o seu aspecto encerra! / Junto à paisagem verde a igreja branca, o bando / das casas que se vão, pouco a pouco, apagando/ com o nevoento perfil nostálgico da serra”. Nesse trecho do poema, observa-se que o poeta descreve características subjetivas de um recorte do seu cotidiano na sua cidade, abordando seu lugar e as referidas representações das paisagens do espaço de vivência (Figuras 1 e 2).



Figura 1 – Fotografia da Igreja de São Gonçalo - Amarante - Piauí.
Fonte: Lima (2008).



Figura 2 – Vista da Chapada de São Francisco do Maranhão (Cidade vizinha a Amarante-PI) juntamente com o rio Parnaíba.

Fonte: Lima (2008).

Santos (1994) enfatiza que a paisagem não é só um conjunto de objetos em uma determinada extensão espacial, ela é também impregnada de movimentos, sons, cheiros, cores. A paisagem não tem nada de fixo, de imóvel. Cada vez que a sociedade passa por um processo de mudança, as relações sociais e políticas também mudam em ritmos e intensidades variados. A mesma coisa acontece em relação ao espaço e à paisagem que se transforma para se adaptar às novas necessidades da sociedade. Observa-se esse sentimento de amor e saudade do lugar de origem, por meio do poema descrito abaixo:

Saudade

*Saudade! Olhar de minha mãe rezando
E o pranto lento deslizando a fio...
Saudade! Amor da minha terra... o rio
Cantigas de águas claras soluçando.*

*Noites de junho... o caburé com frio,
ao luar sobre o arvoredado, piando, piando...
E ao vento as folhas lívidas cantando
A saudade imortal de um sol de estio.*

*Saudade! Asa de dor do Pensamento!
Gemidos vão de canaviais ao vento...
As mortalhas de névoa sobre a terra...*

*Saudade! O Parnaíba - velbo monge
As barbas brancas alongando... E, ao longe,
O mugido dos bois da minha terra...*

Fonte: Da Costa e Silva (1908).

O lugar vem a tratar do conteúdo existencial do homem com o espaço terrestre e, na medida em que o homem se apropria desse espaço, ele se torna pertencente ao mundo. E que a partir do momento em que ele vai se apropriando desse mundo, vai se tornando um lugar. Assim, na fenomenologia, o mundo e o lugar são vistos como sujeitos inseparáveis.

O lugar, nesse caso, é apresentado como aquele em que o indivíduo é ambientado, no qual está integrado e possui significância para um determinado indivíduo (CHRISTOFOLETTI, 1982). Soma-se a essa ideia o pensamento de Carlos (2007, p. 15) ao descrever que o “lugar se coloca enquanto parcela do espaço, construção social. O lugar abre a perspectiva para se pensar o viver e o habitar, o uso e o consumo, os processos de apropriação do espaço”. Vale lembrar-se que a valorização deste conceito mostra-se em virtude dos sentimentos na relação homem e o meio, ao mundo vivido, a dimensão da experiência geográfica.

Na relação entre essas características e as correntes de pensamentos mencionadas desenvolveram-se algumas pontes que estabelecem uma interligação entre elas, a exemplo dos significados de cotidiano, identidade, sentido de lugar, experiência e percepção. Nesse sentido cita-se Tuan (2013, p.7) ao definir que “lugar é construído a partir da experiência e dos sentidos, envolvendo sentimento e entendimento, num processo de envolvimento geográfico do corpo amalgamado com a cultura, a história, as relações sociais e a paisagem”. Deste, expõe-se o pensamento de Buttimer (1985, p. 228), ao mencionar que o “lugar é o somatório das dimensões simbólicas, emocionais, culturais, políticas e biológicas”.

Nesse sentido, exaltam-se os fundamentos teóricos relacionados à geografia humanista, visto que a mesma é compreendida a partir da experiência geográfica do homem. Ela possui como objetivo entender as múltiplas relações que o sujeito estabelece de modo particular com o meio vivido.

A compreensão do sentido do lugar no ponto de vista de Tuan é realizada por meio de estudos etnográficos, históricos, literários e psicológicos. Assim, o referido pensador estabeleceu uma ampla base de dados interdisciplinar na busca de compreender os sentidos e significados de espaço e lugar. Desta forma, o referido autor desvendou que a principal palavra-chave nessa relação é a pausa, pois é na interseção dela que se torna viável marcar este espaço na experiência, também deformá-lo, senti-lo de forma específica e significá-lo.

A partir da ideia exposta observa-se a valorização do conceito de cultura numa perspectiva mais subjetiva. Nesta, o ser humano passa a ser analisado em conjunto com o

meio. Assim, o conceito de lugar proposto na corrente Humanista alcança expressivo destaque ao “refletir o papel da cultura e ao afirmar que a mesma é desenvolvida unicamente pelos seres humanos. Ela influencia intensamente o comportamento e os valores humanos. A sensação de espaço e lugar dos esquimós é bem diferente da dos americanos” (TUAN, 2013, p. 13).

Diversos autores destacam-se por abordar esse sentido de lugar na perspectiva Humanista, como esclarece Tuan (2013, p. 12) ao descrever que o “lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro”. No mesmo sentido Oliveira (2014, p. 11) retrata que “[...] a familiaridade com dada porção do espaço, pela experiência, faz torná-la lugar. Pois espaço e lugar são designações do nosso cotidiano, indicando experiências triviais, do dia a dia”.

CONCLUSÃO

Diante das discussões ensejadas, conclui-se que o desenvolvimento de análises que congregam os conhecimentos produzidos em ramos distintos do conhecimento auxilia a ampliação das perspectivas de entendimento das dinâmicas abordadas. Com a Literatura pode-se analisar e compreender o espaço geográfico e suas categorias. O estudo do espaço urbano retratado nas obras literárias, em seus conteúdos, não traz apenas um perfil de subjetividade.

Deste modo, o lugar, eleva sua expressividade a partir do nascimento de abordagens teóricas relacionadas aos valores humanistas orientados por certa filosofia, além da atenção à diversidade e à heterogeneidade. Além deste, o movimento de mundialização que obrigou uma oposição entre global-local/mundo-lugar (MARANDOLA, 2014). Esta categoria possui forte expressividade, visto por múltiplas definições e de sentido, se adequado à teórica e ao autor. Cada pensador e filosofia vão expressar uma ideia mais objetiva, enquanto outro algo de relevância mais subjetivo. Destaca Oliveira (2014, p. 3) que o “sentido de lugar implica o sentido da vida e, por sua vez, o sentido do tempo”.

Verificou-se que as obras literárias exemplificadas descrevem contextos que permitem a identificação de sentimentos de vivência em um dado período, seja pelo narrador ou personagem, perpassando recortes temporais previamente estabelecidos, permitindo a leitura de processos que se efetivam na atualidade. Contribuem assim para a promoção de releituras do urbano/rural, a partir de perspectivas com objetivos específicos, mas complementares.

A busca pela interdisciplinaridade se torna cada vez mais necessária, tornando o conteúdo contextualizado. Assim, ocorre um aprimorado do desenvolvimento na abordagem dos conteúdos. Assim, a aplicação de olhares/leituras/práticas interdisciplinares é cada vez mais necessária em todas as áreas do saber em virtude da necessidade do homem poder utilizar o conhecimento apreendido nas relações no seu cotidiano.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aluísio de. **O Cortiço**. 3. ed. São Paulo: Martin Claret, 2009.

ABREU, Maurício de Almeida. **Da habitação ao habitat: a questão da habitação popular no Rio de Janeiro e sua evolução**. **Revista Rio de Janeiro**, Niterói, v. 1, n. 2, p. 47-58, jan./abr. 1986.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BERNARDES, Lysia Maria Cavalcanti. Evolução da paisagem urbana do Rio de Janeiro até o início do século XX. **Boletim Carioca de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 5, p. 1-2, 1959.

BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Geografia cultural: um século**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. p. 83-132. (Geografia Cultural, v. 3).

BUTTIMER, Anne. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.). **Perspectivas geográficas**. São Paulo: Difel, 1982.

_____. Campo de Movimiento y sentido del lugar. In: RAMÓN, M. D. G. (Org.). **Teoria y método en la geografía anglosajona**. Barcelona: Ariel, 1985.

CARLOS, Ana Fani. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de geografia na pós-modernidade. In: REGO, Nelson et al. **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 35-47.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis. UFSC, 1999.

_____. A Contribuição Francesa ao Desenvolvimento da Abordagem Cultural na Geografia. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 147-166.

_____. **Terras dos Homens: a geografia**. Tradução de Domitila Madureira. São Paulo: Contexto, 2010.

CORRÊA, Roberto Lobato. Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço: um texto para discussão. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPÓSITO,

Maria Encarnação Beltrão. **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios.** São Paulo: Contexto, 2011.

Corrêa, R. L. Geografia Cultural: passado e futuro: uma introdução. In Rosendahl, Z.; Corrêa, R. L. **Manifestações da Cultura no Espaço.** EdUERJ: Rio de Janeiro, 1999.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Geografia Cultural: introduzindo a temática, os textos e uma agenda. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à Geografia Cultural.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 9-18.

_____; _____. **Literatura, música e espaço.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais.** 4. ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2011.

CHRISTOFOLETTI, Antônio. As perspectivas dos estudos geográficos. In: _____. (Org.). **Perspectivas da Geografia.** São Paulo: Difel, 1982, p. 11-36.

DA COSTA E SILVA, Antônio Francisco. **Sangue.** Recife: Livraria Francesa, 1908.

DARDEL, Erick. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica.** Tradução de Wether Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FERNANDES, Marcos Aurélio. **A relação cidade-campo no romance o moleque Ricardo de José Lins do Rego.** 2012. 137f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed., 12. reimp. São Paulo: Atlas, 2009.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história.** São Paulo: Ática, 1992.

HOLZER, Werther. **A geografia humanista - sua trajetória de 1950 – 1990.** 1992. 548 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

_____. Geografia Humanista: uma revisão. **Revista Espaço e Cultura,** Rio de Janeiro: UERJ, Edição comemorativa (1993-2008), p. 137-147, 2008.

_____; Mundo e lugar: ensaio de geografia fenomenológica. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (Org.). **Qual o espaço do lugar: Geografia, Epistemologia, Fenomenologia.** São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 281-304.

MARANDOLA Jr., Eduardo; OLIVEIRA, Livia de. Geograficidade e espacialidade na literatura. **Geografia,** Rio Claro, v. 34, n. 3, p. 487-508, set./dez. 2009.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **O mapa e a trama: ensaios sobre o conteúdo geográficos em criações romanescas.** Florianópolis: UFSC, 2002.

MORAES, Antônio Carlos Robert de. **Geografia: pequena história crítica.** 20. ed. São Paulo: Annablume, 2005.

MOREIRA, Erika Vanessa. O lugar como uma construção social. **Revista Formação**, v. 2, n. 14, p. 48-60, 2004.

OLANDA, Diva Aparecida Machado; ALMEIDA, Maria Geralda de. A geografia e a literatura: uma reflexão. **Geosul**, Florianópolis, v. 23, n. 46, p. 7-32, jul./dez. 2008.

OLIVEIRA, Livia de. O Sentido de lugar. In: MARANDOLA Jr., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (Org.). **Qual o espaço do lugar?:** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 3-16.

OLIVEIRA, Soraya Castro de Lima. A importância da abordagem cultural na geografia: uma perspectiva de aplicação. SEMANA DE GEOGRAFIA, 3., SEMANA DE CIÊNCIAS HUMANAS, 6., 2010, Campos dos Goytacazes. **Anais...** Campos dos Goytacazes, RJ: IFF, 2010.

RELPH, Edward. O triunfo do lugar sobre o espaço. In: MARANDOLA Jr., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (Org.). **Qual o espaço do lugar?:** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 17-32.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado**. São Paulo. Hucitec, 1988.

_____. **Por uma geografia nova:** da crítica da geografia a uma geografia crítica. 6. ed. 1. reimpr. São Paulo: Edusp, 2008.

_____. **Técnica, espaço, tempo:** globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

SAUER, Carl Ortwin. Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 19-26.

SIMÕES JUNIOR., José G. **Revitalização de centros urbanos**. São Paulo: Pólis, 1994. (Publicações Pólis, n. 19).

SPÓSITO, Maria Encarnação; WHITACKER, Arthur Magon. A questão cidade-campo: perspectiva a partir da cidade. In: _____. (Org.). **Cidade e campo:** relações e contradições entre urbano e rural. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 2013.

VIDAL DE LA BLACHE, Paul. **Principes de Géographie Humaine**. Paris: Armand Colin, 1921.